Análise MENSAL

Macroeconomia

OUTUBRO DE 2018

1. INTRODUÇÃO

A economia global está sólida. Apesar de vários especialistas acreditarem em uma redução do ritmo de crescimento em 2019, mas, anda assim, será um bom ano para a economia mundial.

A economia norte-americana é uma das principais interrogações no curto e médio prazo, pois juros subindo constantemente podem gerar uma nova crise imobiliária.

O indicador de clima econômico da América Latina melhorou entre junho e outubro, puxado pela expectativa, ao contrário do mundo, que viu uma queda nesse indicador.

As incertezas acerca da eleição brasileira acabaram com o final do segundo turno. O vencedor foi o candidato mais à direita, Jair Bolsonaro.

Agora a definição dos ministérios e secretarias ligadas ao agronegócio é que são de maior importância para os objetivos desse relatório, mas isso deverá ser mais explorado no próximo boletim macroeconômico.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

O governo Trump foi derrotado nas eleições parlamentares americanas, perdendo o controle da câmara dos deputados, mesmo com bons resultados na economia. O produto norte-americano deverá crescer 3,2%, resultado formidável para uma economia desenvolvida.

Sobre a contenda comercial com a China, Trump disse que acredita que poderá fazer um bom acordo com a China. Assim, um acordo não deve tardar, segundo o mandatário americano.

Alguns analistas dizem que isso pode causar um problema futuro para o Brasil: ao realocar seus produtos para a China, que já é uma grande compradora de produtos agrícolas do Brasil, os EUA tomariam a exportação para alguns países que o Brasil não conseguiria fornecer grãos. Então, no caso de um acordo entre China e EUA, o Brasil poderia perder mercado na China e perder os antigos parceiros, que continuariam com os EUA.

A taxa de desemprego americana se manteve estável, ficando em 3,7%. Para o Brasil, cujo novo governo parece ser alinhado ao governo americano e já declarou que vê nos EUA um parceiro comercial importante para o futuro, quanto menor essa taxa, melhor, para futuras oportunidades de negócio.

A taxa de juros americana se manteve em 2,25% e deve sofrer mais um aumento até o final do ano, segundo o trading economics, podendo fechar o ano em 2,5%. Isso seria ruim para o Brasil tanto por reduzir a demanda americana como por forçar nossos juros para cima.

A Itália volta a ser motivo de preocupação não apenas para a Europa, mas para o mundo: por ser um país cuja saúde dos bancos não é das melhoras, a piora nos ratings da dívida italiana deve causar um momento negativo sobre a economia europeia em novembro.

Se o crescimento no bloco europeu não é dos maiores, o risco de inflação também parece ter sido dirimido.

Os dados sobre economia chinesa estão sendo encobertos pelas notícias sobre a disputa comercial, e não são os melhores: a economia está crescendo menos. Isso não deve apenas à Trump, mas também pelo próprio governo chinês, que decidiu ter uma política fiscal mais restritiva.

A economia indiana continua bem acelerada, com o crescimento devendo ficar em 7,6% em 2018, segundo analistas. Somando-se isso a um déficit fiscal, a inflação continua sendo uma ameaça e a queda da rúpia é consequência disso. Vale ressaltar que tanto a inflação quanto o déficit estão diminuindo.

A economia japonesa cresce pouco, mas 1,2% para o Japão é bastante. Apesar disso, a guerra comercial entre China e EUA podem causar uma nova onda protecionista, o que abalaria o crescimento japonês.

A vitória de um governo mais protecionista no México pode ser boa para o Brasil: segundo relatório da XP Investimentos, investidores podem sair do México, por medo do novo governo, e aportar no Brasil, com um governo pró-mercado.

A Colômbia vai tentar, novamente, fazer uma reforma fiscal, buscando fazer uma reforma da previdência e trabalhista, buscando reduzir o

Leandro Menegon Corder – Analista de Mercado E-mail: leandro.corder@conab.gov.br Tel: (61) 3312-6251

déficit. Apesar de os fundamentos mostrarem que o país está sob risco inflacionário, a taxa de juros foi mantida.

O petróleo, após atingir patamares de preços altíssimos, caíram bastante em outubro. O preço do barril, que chegou a 75 dólares, caiu para perto de 50 dólares. Com isso, os países da OPEP devem se reunir para combinar um corte de produção.

Os preços agrícolas subiram em novembro, pois houve uma corrida por contratos em Chicago. O número de contratos na bolsa de Chicago bateu recordes entre outubro e novembro, o que elevou os preços. Além disso, houve seca na Rússia e problemas de produção na Argentina e na Austrália.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 1 de novembro, o crescimento do PIB deve ficar em 1,36%, crescendo um pouco em relação ao mês passado. A maior confiança por parte dos produtores fez com que houvesse essa mudança positiva.

O IBC-Br, que funciona como uma prévia do PIB, caiu 0,09% em setembro em comparação a agosto, na série com ajuste sazonal. Apesar disso, o terceiro trimestre mostrou crescimento de 1,74%, o que mostra que a economia segue em recuperação.

Voltando ao relatório Focus, a inflação esperada para 2018 ficou no mesmo nível, sendo prevista em 4,4%, ficando um pouco abaixo do centro da meta, que é de 4,5%, o que pode forçar um aumento nos juros caso queiram a inflação dentro do limite inferior (3%-4,5%) da meta de inflação.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom, citando que ainda há espaço para manter esse nível de juros, a despeito de haver citação de que ele poderia subir, feita no relatório passado. Provavelmente o resultado das eleições deve ter dado um fôlego para o atual nível de juros.

A Intenção de Consumo das Famílias, na pesquisa da Confederação Nacional do Comércio (CNC), recuou 0,3% em outubro, na comparação mensal, mantendo assim estável. Esse índice é importante por mostrar o quanto as famílias estão propensas a consumir no futuro, o que já esse é um excelente indicativo quanto à economia.

O desemprego caiu para 11,7%, significando 12,4 milhões de desempregados, melhorando bastante em relação ao mês anterior. O grande aumento ocorreu nos trabalhadores informais, sem carteira assinada.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central, caiu 6,11% na comparação com setembro puxado, principalmente, por energia, produtos agropecuários e metais.

A balança comercial brasileira teve o melhor outubro da história, com superávit de US$6,1 bilhões, puxado pelo aumento nas exportações, principalmente para a Ásia, que teve aumento de 32% em relação a outubro do ano passado.

O dólar iniciou outubro cotado a R$ 4,02 e fechou o mês em R$ 3,70, devido aos bons resultados brasileiros no comércio internacional.

Focando agora no resultado eleitoral, a vitória de Jair Bolsonaro para a presidência da República deverá apresentar uma ruptura com o modelo tradicional político utilizado nos últimos anos no Brasil. Considerando-se que é o primeiro governo de direita em décadas, há de esperar mudanças significativas no modo de gerenciar a economia.

Contudo, o agronegócio ainda é uma incógnita, pois não foi decidido quem será o ministro da Agricultura. Quando for anunciado, será feito, nesse relatório, uma análise sobre as ideias desse político para com a agricultura.

O plano do candidato acerca desse assunto foi vago, com ideias sobre o que será mudado, mas não há um nível de detalhamento para saber como serão feitas essas mudanças. Entre as pautas citadas estão a segurança no campo, solução para a questão agrária, logística de transporte e armazenamento, e uma instituição única para atender as demandas do agro e setor rural.

Apesar disso, uma parte significativa de produtores rurais apoiou Jair Bolsonaro, dando seu apoio a essas mudanças e aceitando um mercado mais aberto, acreditando que as mudanças serão benéficas ao setor.

Leandro Menegon Corder – Analista de Mercado E-mail: leandro.corder@conab.gov.br Tel: (61) 3312-6251